



O DISCURSO DO FIM: CONTRADIÇÃO E DESDOBRAMENTOS DE MEMÓRIA

Lucas Frederico Andrade de Paula¹

Este texto compreende uma abordagem do discurso do *fim*. Com a finalidade de refletir sobre o funcionamento da repetição e de suas relações com a memória, bem como as formas de representação no cenário social, destacamos um recorte tendo em vista o objetivo de explorar os efeitos de sentidos de discursivizações sobre o apocaliptismo, “doutrina ou crença fundamentada na expectativa iminente do fim do mundo atual e na ressurreição dos justos num mundo purificado”².

Para tanto, o enunciado “fim dos tempos” configura, de forma geral, os pressupostos deste trabalho, que analisa a repetição (tanto na materialidade quanto indiretamente) do dito a partir dos conceitos de contradição, designação e determinação, filiados à Análise de Discurso de linha francesa. Trata-se, especificamente, de um recorte da obra *Vivendo no fim dos tempos*, do filósofo esloveno Slavoj Žižek (2012).

Consoante ao aporte teórico de Michel Pêcheux, a pesquisa abarca a questão *apocalíptica* de que o enunciado é constituído, cujos gestos de leitura possibilitam a análise da posição-sujeito diante de temas como política, história, sistema. O livro de Žižek, que serviu de base para o recorte discursivo, tem sua atualidade marcada por problematizações filosóficas contemporâneas. A obra transporta o enunciado para diferentes reflexões do “nosso tempo”.

Convém ressaltar que a Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux, tem seu foco voltado para os estudos das condições históricas e sociais de produção do discurso. Apresenta-se como uma teoria crítica da linguagem e caracteriza-se por um viés de ruptura com toda uma conjuntura política e epistemológica positivista. Articula-se a outras áreas das ciências humanas, especialmente a linguística, o materialismo histórico e dialético e a psicanálise. (ORLANDI, 2005, p.17).

O estudo da teoria das ideologias na perspectiva marxismo-althusseriano com base nas formações sociais e nos seus modos de produção reflete uma atualização do materialismo histórico como base de compreensão dos “Aparelhos Ideológicos de Estado” (ALTHUSSER, 2010). O pensamento althusseriano nos indica um caminho de interpretação da organização institucional e das práticas que envolvem os indivíduos em sujeitos num processo ideológico de identificação, legitimação, dependência.

¹Mestrando em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF); Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pelo Centro Universitário de Maringá (Cesumar); lucaskafka@gmail.com

² Conforme dicionário on line: <http://aulete.uol.com.br/apocaliptismo#ixzz2etxUz7cj>

toda a ideologia representa, em sua deformação necessariamente imaginária, não as relações de produção existentes (e as outras relações que delas decorrem), mas, acima de tudo, a relação (imaginária) dos indivíduos com as relações de produção e com as relações que delas decorrem. O que é representado na ideologia, portanto, não é o sistema das relações reais que regem a existência dos indivíduos, mas a relação imaginária desses indivíduos com as relações reais em que vivem. (ALTHUSSER, 2010, p. 128).

A referenciação discursiva do dizer e suas respectivas famílias parafrásticas conduzem o enunciado em diversos efeitos de sentidos, como o posicionamento intelectual diante da história, do sistema, do ser humano como ser finito. Essa finitude, explorada pela ideia cristã de mundo, remete-nos a questões chamadas de apocalípticas, tendo em vista o livro bíblico³. Desse modo, compreendemos que a exploração desse enunciado, sua espessura semântica, abarcam diferentes referenciações e, conseqüentemente, efeitos de sentidos heterogêneos.

Devido à alta representatividade do ideário apocalíptico na contemporaneidade⁴, juntamente com o livro de Žižek e seus apontamentos filosóficos, a pesquisa pretende compreender os sentidos que se relacionam no enunciado, tanto no interior da língua quanto em sua exterioridade. Isso significa que a AD se preocupa em relacionar o sentido com uma memória, em marcar no linguístico uma exterioridade que atravessa o dizer. “Tudo isso pressupõe tematizar a interação entre os diferentes níveis sintáticos, lexicais, enunciativos e discursivos desta leitura: daí a questão girar em torno da análise linguístico-discursiva de uma sequência por referência a um corpo interdiscursivo de traços sócio-históricos” (PÊCHEUX, 2012, p. 146).

O uso enunciativo do dizer, ou seja, a forma como a linguagem é posta em funcionamento, faz com que se formem famílias parafrásticas do enunciado, num determinado período histórico, sob o atravessamento ideológico que constitui o indivíduo como sujeito afetado pelo simbólico. Partindo dessa premissa, o sentido do dizer é heterogêneo, já que suas possibilidades semânticas se constituem da historicidade que envolve as condições de produção e a materialidade linguística.

Quando falamos em historicidade, não pensamos a história refletida no texto mas tratamos da historicidade do texto em sua materialidade. O que chamamos historicidade é o acontecimento do texto como discurso, o trabalho dos sentidos nele. Sem dúvida, há uma ligação entre a história externa e a historicidade do texto (trama de sentidos nele) mas essa ligação não é direta, nem automática, nem funciona como uma relação de causa-e-efeito (ORLANDI, 2005, p. 68).

Ao considerar o enunciado sob uma perspectiva discursiva, pressupomos a paráfrase e a polissemia como constituintes da conjuntura do dizível, refletindo a opacidade do sentido de acordo com sua espessura semântica. “Daí considerarmos que todo funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos” (ORLANDI, 2005, p. 36). Esse retorno à paráfrase demonstra como as formações discursivas e o interdiscurso funcionam na constituição enunciativa, ao mesmo tempo em que a ruptura do sentido, sua significação “específica”

³ APOCALIPSE: In: Bíblia Sagrada; São Paulo; Editora EP – Maltese; 1962; p.1158.

⁴ O ano de 2012 foi marcado por várias manifestações sobre o “fim do mundo”, “fim dos tempos”, devido à crença originada do calendário maia.

em determinada situação, tem uma raiz polissêmica. “Esse jogo entre paráfrase e polissemia atesta o confronto entre o simbólico e o político. Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos. Como dissemos, o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia” (ORLANDI, 2005, p. 38).

A partir dessas considerações, podemos estabelecer uma relação polissêmica com o enunciado em questão, pois trata-se de contextualizar as condições de produção da enunciação, o atravessamento ideológico e histórico do enunciado, para que se ilumine sua semântica em determinada circunstância.

Podemos agora, compreendendo a relação da paráfrase com a polissemia, dizer que, entre o mesmo e o diferente, o analista se propõe compreender como o político e o linguístico se interrelacionam na constituição dos sujeitos e na produção dos sentidos, ideologicamente assinalados. Como o sujeito (e os sentidos), pela repetição, estão sempre tangenciando o novo, o possível, o diferente. Entre o efêmero e o que internaliza. Num espaço fortemente regido pela simbolização das relações de poder (ORLANDI, 2005, p. 38).

Referimo-nos ao discurso do fim para relacionar os saberes incrustados em sua configuração e interpretar como sua representação *funciona* no conjunto de ideários que estão atravessados na linguagem, no uso linguístico que, nesse caso teórico, pressupõe o assujeitamento do indivíduo diante da língua.

Seguindo a concepção teórica pecheutiana, nossa abordagem busca uma perspectiva discursiva do texto, em que o sujeito e a história estão inseridos na mesma engrenagem textual, materialidade essa que discorre no âmbito linguístico nos trazendo a questão semântica que, a partir de nossos pressupostos, é atravessada pela ideologia.

O enunciado que de certa forma norteia essa pesquisa carrega diferentes possibilidades semânticas que se inscrevem na historicidade do dizer. São atravessadas pela interdiscursividade e respondem às condições de produção em que foram construídas.

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÉCHEUX, 1988, p. 146).

A partir de nossa linha teórica, o interdiscurso, configurado como o já dito, constitui o intradiscurso em sua materialidade. Revela-se por outras vozes, de outros lugares, que ressoam na atualização de significações. “Trata-se do que chamamos saber discursivo. É o já dito que constitui todo o dizer” (ORLANDI, 2010). Consideramos que o conjunto de formações discursivas constitui o interdiscurso, que, por sua vez, determina a formação discursiva. O resultado da inter-relação entre formação discursiva e interdiscurso nos aponta à semântica do dizer. A partir de sua historicidade, é possível identificar possíveis referências constituintes do enunciado. Dessa forma, o dizer ganha um estatuto discursivo em seu percurso semântico.



Para desenvolvermos uma reflexão teórica sobre a discursividade do *fim* enquanto tessitura de ligação do imaginário coletivo, considerando a AD como nosso suporte, devemos partir do pressuposto de que não se pode atribuir a um sujeito psicológico (ou seja, na esfera individual) à produção de interpretação, mas compreender um corpo sócio-histórico constituinte da significação, que é atravessado por discursividades distintas. Nesse entremeio está localizada a memória, espaço histórico e ideológico que deve ser contextualizado com as condições de produção.

O termo *interdiscurso* caracteriza esse corpo de traços como materialidade discursiva, exterior e anterior à existência de uma sequência dada, na medida em que esta materialidade intervém para constituir tal sequência. O não-dito da sequência não é, assim, reconstruído sobre a base de operações lógicas internas, ele remete aqui a um já-dito, ao dito em outro lugar: assim, a noção discursiva de pré-construído deve ser distinta da noção lógica de pressuposição, da mesma forma a noção discursiva de discurso transversal se distingue da noção lógica de implicação (PÊCHEUX, 2012, p. 145-146).

Ao considerar o discurso como estatuto constituído de uma memória, devemos compreender o percurso de um enunciado ao contextualizá-lo em diferentes planos enunciativos. Essa manifestação do *pré-construído*, que se dá na materialidade linguística, relaciona-se com as possibilidades semânticas que emergem do funcionamento da linguagem. Ou seja, é preciso relacionar o enunciado com sua exterioridade para esclarecer seu espaço numa conjuntura semântica, em que sua exposição, juntamente com a história e a ideologia, seja marcada no *intradiscurso* como constitutiva da linguagem.

A partir das considerações elencadas em nossa pesquisa, podemos direcionar nosso gesto de leitura ao discurso do *fim* e explorar sua semântica por meio de efeitos que se entrelaçam nos deslocamentos de sentido. Vale lembrar que sua presença não está na materialidade *per se*, mas no interdiscurso que representa os saberes apocalípticos de que o dito é constituído, em sua forma indireta de significação, que emerge da argumentação reflexiva dos pontos tratados pelo filósofo. Eis um recorte da obra *Vivendo no fim dos tempos*:

Recorte (1)

Em relação à **ordem** social, isso significa que a autêntica **tradição** apocalíptica cristã rejeita a sabedoria de que a **ordem** hierárquica é nosso **destino**, que tudo que tente desafiar-la e criar outra **ordem** igualitária tem de acabar em **horror** destrutivo. (p. 126)

Destacamos a palavra ordem devido a sua regularidade no recorte. Podemos relacioná-la com a tradição, a partir do modelo organizacional de sociedade, em que se baseiam os dogmas cristãos, juntamente com a ideia apocalíptica de mundo. O juízo final, como é propagado, caracteriza esse fim e justifica os meios religiosos. A tradição está pressuposta na ordem cristã, que não pode *evoluir* com o mundo, pois desta forma abdicaria de sua estrutura religiosa. Junto à questão da ordem, está o destino, que nos remete ao que é finito, definitivo, decidido. Ou seja, também invoca uma “ordem” para que se estabeleça como tal. Concomitante com a ordem e o destino, está a tradição cristã. Em relação ao desafio a essa ordem, o argumento expõe que esse seria o *verdadeiro*

apocalipse, já que o horror destrutivo seria encarado materialmente, e não metafisicamente, como os dogmas.

Além das palavras em destaque, o trecho confirma sua crítica ao modelo dominante, ao discurso da ordem, da tradição e do destino, utilizando a própria argumentação de forma inversa. Remete à semântica do horror apocalíptico à hierarquia social/cristã, que organiza a sociedade, as instituições. Se a ideia de igualdade é bem vinda no âmbito religioso (*amar ao próximo* enuncia essa relação de igualdade entre os fiéis), isso não acontece na organização social, pois a própria igreja cristã é constituída da questão hierárquica.

A FD religiosa nos indica um caminho pela ordem, destino e tradição. Cria um dispositivo semântico que se justifica justamente por estar posto implicitamente nas relações sociais. Entretanto, a crítica marcada no trecho não está ligada diretamente à legitimidade do cristianismo, tampouco se caracteriza como um discurso ateu atacando à religiosidade. Trata-se de uma indagação política sobre a engrenagem cristã, caracterizada pela tradição e sua ordem organizacional, pois ao argumentar a questão de ordem igualitária, conclui que o horror seria seu resultado, do ponto de vista cristão.

É interessante voltarmos à palavra **ordem** e relacioná-la com seus “pares” que estão materializados no enunciado: **Ordem** social; **ordem** hierárquica; **ordem** igualitária.

Podemos considerar essa regularidade como norteadora argumentativa do trecho em questão. A ordem funciona como um veículo que regula a relação entre dois ou mais objetos. Seria uma forma de organizar essa relação por meio de regras que expressem às características do social, do hierárquico e do igualitário. Esses conceitos dependem de uma ordem para que possam significar como tal. Essa imanência vinculada à ordem designa seu papel de repetição com a troca de seus pares. Advém de uma incumbência semântica legitimadora de um conjunto de regras específico. Outras marcas linguísticas:

Família Parafrástica 1			
Determinante Discursivo	Item lexical	Determinante Discursivo	Domínio Discursivo
autêntica	tradição	apocalítica cristã	Obra de Zizeck

O exame do quadro permite verificar que ficam desqualificados outros sentidos atribuídos ao “fim” que se representam fora da ordem social, como, por exemplo, aquelas que se resignam a hierarquias determinadas pelo destino, bem como se coloca em questionamento tradições apocalíticas que pregam que não se pode desafiar, nem criar outra ordem igualitária a fim de evitar o horror destrutivo. Além disso, há também efeito de saturação em “horror destrutivo”, pois horror já convoca coisas ruins, prejudiciais. Para melhor visualização e compreensão dos efeitos na/pela repetição do enunciado “fim dos tempos”, apresentamos o segundo quadro a seguir.



Família Parafrástica 2		
Item lexical	Determinante Discursivo	Domínio Discursivo
ordem	social hierárquica igualitária	Obra de Zizeck

Como podemos observar no quadro acima, a determinação funciona, no interior de uma mesma formação discursiva, como contradição. Os qualificativos “social” e “igualitária” estão para uma ideologia e prática libertária, assim como “hierárquica” está para ideologia e prática autoritária.

Considerações sobre a contradição

A partir de nosso recorte, podemos considerar que algumas questões se constituem com certa ambiguidade.

O autor se refere à “ordem social” encarada aqui como algo que está posto, como se já estivesse organizada, de fato, e por isso é enunciada como “ordem social”. Existe uma pressuposição de organização, ou seja, de estagnação, de conservação, que funciona implicitamente. Seu posicionamento discursivo está antes dessa ordem. Ao chamar de sabedoria a noção de hierarquia como destino, nos dá pistas de que o cristianismo está cego para esta questão, já que não é de seu interesse uma mudança nessa “ordem”. Essa sabedoria de que o autor fala também está vinculada ao pensamento crítico, a capacidade de compreensão e interpretação da engrenagem social/cristã. É transfigurada no desempenho da elaboração de fórmulas argumentativas que consigam evidenciar questões contraditórias, na eficácia em identificar barreiras ideológicas de obscurecimento intelectual.

Além disso, a palavra igualitária nos remete ao social, ao político, ao materialismo histórico. Isso evidencia uma posição sujeito diante do “apocalipse” cristão, em que o horror é encarado como uma consequência da ação divina. Nesse caso, o autor chama a atenção para o horror em seu sentido político, como se fosse propagado pelo cristianismo a aceitação da hierarquia (como dádiva) e a rejeição da igualdade (como horror).

A contradição está em a FD religiosa considerar a ordem hierárquica como social, como organizadora de seus dogmas com a ideia de fim apocalíptico. A relação do enunciado “fim dos tempos” com a noção social do cristianismo pode ser aproximada em sua semântica. O fim do mundo está mais próximo para os cristãos do que a igualdade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. In: ZIZEK, Slavoj. Um mapa da ideologia. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p. 105-142.

APOCALIPSE. In: Bíblia Sagrada; São Paulo; Editora EP – Maltese: 1962; p.1158

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença
Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013

_____. *Discurso e Textualidade*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2010.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Brasiliense, 1983.

_____. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel (1988). *Semântica e Discurso*. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009.

_____. *Análise de Discurso: Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2012.

_____. Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas. *Línguas e instrumentos linguísticos*, Campinas: Pontes, n. 2, p. 7-31, jul./dez. 1998.

_____. *O Discurso: Estrutura ou acontecimento*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2012.

ZIZEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2012.